

“SUXTENTA, DONA MARIA!”: CULTURA, ARTE E RESISTÊNCIA PAJEUZEIRA NA VOZ DE JÉSSICA CAITANO

Laeiguea Bezerra de Souza¹

O presente trabalho é um recorte da minha tese de Doutorado em andamento na área de Linguística, através da Análise do Discurso. A proposta visa compreender os gestos de autoria que caracterizam o trabalho da artista pernambucana e triunfense Jéssica Caitano e seus movimentos de apropriação-ruptura do imaginário sobre o sertão que apontam para formas outras de identificação dos sujeitos com esse espaço. Jéssica Caitano, a nosso ver, propõe uma relação de complementariedade entre os Sertões ditos “tradicional e moderno. Para atingir o objetivo geral propomos os específicos: Compreender o imaginário sobre o sertão tradicional e a possibilidade de tratar esses discursos como parte de uma FD sobre o sertão; Observar e compreender como o sertão tradicional comparece nas composições de Jéssica Caitano e que deslocamentos se produzem sobre o sertão e os sertanejos em suas canções e; Compreender os gestos de autoria e resistência que se produzem por meio de sua poesia-performance com relação às formas de compreender o sertão e o sertanejo.

Temos na Análise do Discurso pecheuxtiana as bases para a nossa investigação, especialmente nos modos de se compreender, na AD, as noções de imaginário e memória e sua teorização sobre as formações - Formação Discursiva (Foucault, 1987), formação ideológica (Pêcheux; Fuchs 1997), além de as condições de produção e circulação dos discursos e as diferentes modalidades de tomada de posição. Quanto ao conceito de resistência, iniciamos com De Nardi e Nascimento (2016) e buscaremos, também, entender a relação entre gestos de interpretação e autoria na produção da artista através de Orlandi (2007). Pela natureza do discurso de Jéssica, que vamos entender como um discurso da arte, e, neste momento de construção do projeto, estamos trabalhando no levantamento e leitura dos trabalhos que discutem a questão da cultura e da arte a partir da AD, especialmente a partir das contribuições de Neckel (2004, 2005).

E já que todo discurso é atravessado por outros discursos, à medida que nas composições de Jéssica Caitano aparecem elementos de remetem ao Sertão (seja qual for), é importante que, dentro da AD, possamos identificar esses componentes e, para tal, podemos encontrar nas pesquisas de Cascudo (2005), Neto (2016), Tavares (2016), Costa (2007) e Castro (1984) conteúdo para a discussão. Na identificação dos elementos que compõem essas visões sobre o/os Sertão/ões, temos como base Castro (1984) e Albuquerque Júnior (2011). Como recorte de análise, utilizamos a composição “Minha vertente”, escrita em 2019 da qual foi possível extrair 10 (dez) sequências discursivas. A partir de uma leitura inicial, fizemos um recorte provisório das sequências discursivas, doravante SD, buscando compreender como e

¹ Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, com atuação na Análise de Discurso.

o que se mostra, na letra da canção, do que seria o sertão tradicional e o sertão moderno, a fim de observar-se se é possível falar em duas FDs em relação de contato-confronto no interior da composição de Caitano ou se o que temos são posições-sujeito diversas que materializam formas de dizer o sertão atravessadas pela contradição e pelo imaginário do sertão tradicional e que vão sendo desestabilizadas pelos modos de dizer e performar de Jéssica. Vejamos essa análise.

Como dito, as sequências analisadas fazem parte da composição “Minha vertente”, escrita em 2019, que possui 20 versos, com rimas internas e externas, com a qual foi possível extrair 10 (dez) sequências discursivas.

Quadro 01 – Versos da composição “Minha vertente”

1	Minha vertente vai do Rap pro Repente na embolada
2	Eu brinco no Maracatu Rural e no coco eu meto brasa
3	Tenho nas asas sede de voar pelas estrada
4	Comendo a raiz do verso que eu plantei de madrugada
5	Mandar rajada de rima improvisada
6	Nos terreiro e nos lajeiro as menina com presepada
7	Dá em nada! Nós hackiemo essa quebrada
8	Pernambuco e Paraíba, ocupamo Zona da Mata
9	Aquece a brasa, que eu vou dobrar na panelada
10	Mangabeira em mei de feira e umas rima metrificada
11	Pandeirada pra quem come mandacaru
12	E pega a flor da macambira e planta no jardim do Sul
13	Que eu digo a tu, florescimento verdadeiro
14	Se não der cana caiana eu seguro no desmantelo
15	E sai do meio, que hoje eu vim só mandando a letra
16	Fortalecimento certo no rolê das mina preta
17	E eu tô ligeira, só mando ficha verdadeira
18	Vem na soma e arreia a lombra que eu chamei minhas pareia
19	Sai da veia é o sangue nosso e sai do ócio pra fluir
20	Ocupando o espaço certo pra poder evoluir.

Fonte: Caitano; Guirraiz, 2019.

As sequências encontradas nos versos 1, 2, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 16 e 20 foram utilizadas para construir um quadro comparativo a partir do conceito de formação discursiva e condições de produção em Pêcheux (1997) e as contribuições de Castro (1984) e Albuquerque Jr (2011) quanto o que se diz sobre o sertão e o que se vê. Contudo o que é dito e o que é visto não forma um panorama único, mas que varia de acordo com quem vê e a forma como vê esse espaço.

A partir das sequências grifadas no Quadro 01, extraímos elementos que, ao nosso ver, compõem ora um sertão dito “tradicional” e ora um sertão dito “moderno”. Esse “dito” é fazendo um deslocamento de ponto de vista, olhando a partir do colonizador. Do mesmo modo, será possível enxergar a partir do ponto de vista decolonial.

Quadro 02 – Alocação dos elementos de acordo com o que remeteriam

Sertão “tradicional”	Sertão “moderno”
Repente na embolada	rap
Maracatu rural e no coco	Nós hackiemo essa quebrada
rima improvisada	rolê das mina preta
Nos terreiro [...] presepada	Ocupando o espaço certo
mei de feira [...] rima metrificada	
Pandeirada pra quem come mandacaru	
a flor da macambira	

Fonte: Autora, 2022.

Nos elementos citados na composição que remeteriam a um sertão dito “tradicional”, há as seguintes ocorrências:

Repente e embolada – formas de poesia popular de origem ibérica que tem uma tradição muito forte no Sertão do Alto Pajeú. Tavares (2016, p. 19), explica melhor:

Repentista é quem faz versos de repente, quem faz versos improvisados. Todo violeiro nordestino é repentista, mas nem todo repentista é violeiro. Existem, por exemplo, os emboladores de coco ou coquistas, que também improvisam repentes, mas cantam acompanhando-se de pandeiros ou de ganzás, e cultivam estilos de verso e de melodia distintos dos que são usados pelos violeiros.

É possível ver o trabalho desses poetas, ainda, em feiras, eventos de poesia como, por exemplo, a Festa de Louro do Pajeú, dedicada a um dos maiores poetas de São José do Egito, PE.

Maracatu rural e coco – o Maracatu Rural ou Maracatu do Baque Solto é a maior manifestação cultural da Zona da Mata pernambucana².

Rima improvisada – é a rima feita de improviso, na hora, como bem explicou Tavares (2016). Nesse conjunto de características da poesia que é produzida no sertão, há uma teoria que diz que as águas do Rio Pajeú, maior bacia hidrográfica de Pernambuco, são “feiticeiras” e fazem o povo que bebem de lá, fazerem poesia³.

² Pode-se conferir o seguinte trabalho realizado pelo Iphan: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_MARACATU_RURAL.pdf

³ Sobre esse mito, há um documentário chamado “O Rio Feiticeiro”, produzido pelo canal Curta!.. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ya65N_Lukew.

Terreiro – para além da tradição religiosa de origem africana, o terreiro, para o sertanejo que mora na zona rural, compreende uma área em frente às casas, onde adultos costumam se reunir para conversar, realizar festas ou lugar onde as crianças brincam.

Presepada – é um termo arcaico, popular que quer dizer “palhaçada”, que alguém fez algo de errado, mas que também é engraçado.

Feira – as feiras populares que, geralmente acontecem nos dias de sábado, são espaços em que se pode encontrar de tudo: desde produtos da cesta básica a frutas, legumes, verduras, artigos para a casa, produtos usados (geralmente vendidos na famosa “Feira da Troca”). Também é um espaço para encontrar amigos e comer uma comida regional nos mercados públicos (buchada, sarapatel, galinha de capoeira). A feira representa abundância, fartura.

Rima metrificada – é a rima com métrica, que, historicamente, foi colocada como obrigatória. Os poetas do Sertão do Alto Pajeú fazem isso com muita facilidade⁴. É comum, inclusive, numa mesa de bar, numa roda de conversa alguém “soltar uns versos”. Esse tipo de “obrigatoriedade” vem caindo com o tempo:

Foi dito que as formas de estrofe usadas pelos contadores são “fixas e obrigatórias”. Isso não quer dizer que elas sejam inalteráveis com o passar dos anos; pelo contrário. São fixas e obrigatórias para o cantor, no momento de cantar, porque não lhe é permitido alterar a métrica, o sistema e rimas ou o refrão. No instante da cantoria, o cantor é um escravo da tradição, e o que se espera dele é que saiba moldar suas ideias e sua inspiração no interior daquela forma herdada. É ponto de honra para o violeiro manter-se fiel aos requisitos do estilo adotado, até porque sabe que qualquer deslize será imediatamente percebido por grande parte do público (Tavares, 2016, p. 29-30).

Pandeirada – é uma execução musical em que se usa, apenas o pandeiro. Além disso, no sertão, onde tem pandeiro, tem coco. Geralmente no final de festas populares, festivais, alguém tira um pandeiro da bolsa e começa o coco que vai até altas horas.

Mandacaru – o sertanejo que vive na zona rural e que depende “da roça” para a sobrevivência, consome uma alimentação mais sólida que pode garantir os nutrientes mínimos para realizar suas atividades. Antigamente, em tempos de estiagem, de fome, ele buscava em fontes alternativas para manter-se de pé, como cita Castro (1984, p. 219-220): “Quando o sertanejo lança mão destes alimentos exóticos é que o martírio da seca já vai longe e que sua miséria já atingiu os limites de sua resistência orgânica.” É na flora xerófila que esse sertanejo encontrava o mínimo: “Entre as famílias que compõem a flora xerófila destacam-se as cactáceas, tais como as palmatórias, os mandacarus, os xique-xiques e os facheiros. Plantas dum valor inestimável na época das secas, ajudando a gente e o gado a escapar aos seus rigores mortíferos. Ao lado das ríspidas cactáceas, dando cor e característica (Castro, 1984, p. 180)”.

⁴ Isso pode ser conferido pelo documentário “Poetas do repente”, produzido pela TV Escola. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=29TcmEGkjmw>.

Flor de macambira – a macambira era mais um vegetal usado na época de estiagens para amenizar a fome:

Da macambira — (*Encholirion spectabile*) utilizam os flagelados o bulbo, o qual cozinhado durante algumas horas é depois exposto ao sol para secar. Seca a macambira cozida, é ela pilada, obtendo-se, desta forma, uma farinha grossa como pó de serra, a qual se revelou, nas análises, excepcionalmente rica em cálcio, mais rica do que o queijo. Com tal produto fabricam-se beijus e mingaus (Castro, 1984, p. 221).

Todos esses elementos citados fazem parte de um sertão que ainda existe, mas que não corresponde a sua totalidade. Pelo contrário, há poucos lugares onde a seca domina, pois várias políticas públicas foram implementadas (por governos de esquerda), fazendo com que esse problema fosse amenizado.

Nos elementos citados na composição que remeteriam a um sertão dito “moderno”, há as seguintes ocorrências:

Rap – no Brasil, o rap que seria “Revolução Através das Palavras” é um tipo de música que surgiu a partir da cultura Hip-hop dos afrodescendentes dos Estados Unidos nos anos 90. Aqui temos alguns precursores como Thaíde, Dj Hum e Nelson Triunfo que, inclusive, adotou esse nome artístico por ser da mesma cidade que Jéssica Caitano, Triunfo, PE. O que na poesia popular chamamos de “repente”, no rap chama-se de *freestyle*. É comum nas periferias dos grandes centros urbanos como Recife, por exemplo, as Batalhas de Rima.

Hackiemo – é uma releitura, no seu dialeto, do termo “hackear”, pertencente ao mundo eletrônico que significa se apropriar de dados e cometer algum crime virtual.

Quebrada – é uma gíria usada para se referir a comunidades pobres, periferias. A própria Jéssica, inclusive, mora no Alto da Boa Vista, um quilombo urbano.

Rolê das mina preta – os debates em torno do feminismo, sobretudo das mulheres negras, é atual. Esse termo, a meu ver, denota o resultado do reconhecimento de seu lugar nesse espaço.

Ocupando – o termo “ocupação” vem também nessa linha do feminismo e das lutas raciais. Ocupar é diferente de invadir. A invasão foi feita, por exemplo, pelos europeus em país colonizados como o nosso, mas ocupar é se colocar no lugar que é seu por direito, mas que há tempos vem sendo negado. Sejam mulheres, negras e negros, LGBTQIA+, pobres e marginalizados.

Pelo que se observa, os termos utilizados por Jéssica que remeteriam a um “sertão moderno”, trazem pautas levantadas atualmente por diversas organizações sociais, bem como a tecnologia.

Diante das discussões, concluímos, temporariamente, que há uma fusão dessas ideias ligadas ao “tradicional” e ao “moderno”, redesenhando esse imaginário que se tem de atraso do sertão. É a partir desse espaço de enunciação e das experiências vivenciadas que a compositora tenta traduzir aquilo que ela concebe como sendo seu espaço, suas características, sua história, sua arte e sua cultura.

Termos como rima improvisada, metrificada, repente, embolada, mandacaru e terreiro se unem a rap, quebrada, rolê, ocupa(ção) e demonstram que as memórias que perpassam a formação discursiva que se tem do sertão, permanecem de um modo positivo para a identidade das pessoas que ali residem, ao mesmo tempo em que se deslocam dessa mesma FD inserindo o que é considerado moderno como natural, usual, ou seja, o sertão que é visto e dito na composição existe e é muito mais potente.

A região do Sertão do Alto Pajeú possui uma cultura latente e uma poesia marcada pela tradição de cantadores, aboiadores, emboladores e repentistas geralmente homens, brancos, héteros. Em outro sentido, criou-se um imaginário acerca desse lugar, marcando-o pela seca e fome. Nesse cenário encontramos a compositora Jéssica Caitano que, tanto se impõe dentro e se desloca dessa tradição poética, do mesmo modo que traz, em suas composições, uma reconfiguração do que se entende por sertão.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**: São Paulo: Cortez, 2011.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. São Paulo: Global, 2005.
- CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**: o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.
- COSTA, Maria das Graças Vanderlei. **Os Caretas de Triunfo**: a força da brincadeira. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – UFPE, Recife, 2007.
- DE NARDI, Fabielle Stockmans; NASCIMENTO, Felipe Augusto Santana. A propósito das noções de resistência e tomada de posição na Análise de Discurso: movimentos de resistência nos processos de identificação com o ser paraguaio. **Signum**: estudos da linguagem, Londrina, n. 19, p. 80-103, dez 2016.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- NECKEL, Nadia Regia Maffi. Análise de Discurso e o Discurso Artístico. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2., 2005, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- NECKEL, Nadia Regia Maffi **Do discurso artístico à percepção de diferentes processos discursivos**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – UNISUL, Florianópolis: UNISUL, 2004.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- TAVARES, Braulio. **Arte e ciência da cantoria de viola**: cantoria: regras e estilos. Recife: Bagaço, 2016.